

DO CONCEITO À DEFINIÇÃO: SOBRE O TERMO “DESENHO” EM ANDRÉ FÉLIBIEN

CRISTIAN CLÁUDIO QUINTEIRO MACEDO

DO CONCEITO À DEFINIÇÃO: SOBRE O TERMO “DESENHO” EM ANDRÉ FÉLIBIEN

FROM CONCEPT TO DEFINITION: ON THE TERM “DRAWING” IN ANDRÉ FÉLIBIEN

DANIELE BARBOSA¹

danidsbfr@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-4332-8582>

CRISTIAN CLÁUDIO QUINTEIRO MACEDO²

cristianmacedoxix@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7785-7534>

Resumo

O presente artigo é um trabalho historiográfico com empréstimos da terminologia. A análise das obras de André Félibien sugere que as reflexões sobre o desenho levaram o autor a realizar uma síntese conceitual e, posteriormente, a elaborar uma definição do termo. Inicialmente usada no campo artístico, no século posterior a sua morte a definição foi absorvida em forma de exemplos pelos dicionários de língua.

Palavras-chave: História da arte. André Félibien. Desenho.

Abstract

This article is a historiographical work with borrowings from Terminology. The analysis of André Félibien's works suggests that the reflections on drawing led the author to carry out a conceptual synthesis and, later, to elaborate a definition of the term. Initially used in the artistic field, in the century after his death the definition was absorbed in the form of examples by language dictionaries.

Keywords: History of art. André Félibien. Drawing

¹ Graduanda em História da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), integrante do grupo de pesquisa História da Arte e Cultura de Moda e da Rede Latino-americana de Estudantes de História da Arte (Red-LEHA).

² Graduado em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre e doutorando na linha Estudos do Léxico e da Tradução no Programa de Pós-graduação em Letras pela UFRGS.

Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar relações intertextuais diacrônicas acerca do termo desenho (*dessein/dessin*) em dicionários especializado e de língua ao longo dos séculos 17 e 18 na França. Não se trata necessariamente da história do termo, mas de um percurso conceitual que interessa aos estudos históricos e teóricos da arte.

Nossa delimitação temporal tem seus marcos na obra de André Félibien (1619-1695) e na incorporação lexicográfica de sua definição de desenho, como exemplo, em dois dicionários da língua francesa (o *Dictionnaire universel*, de Furetière, em 1725, e o *Dictionnaire françois*, de Pierre Richelet, em 1728). Além de importante nome para a história da arte, autor de várias obras sobre o tema, historiógrafo do rei e secretário da Académie royale d'architecture, Félibien foi um dos primeiros pensadores da arte a propor a organização de um léxico para o campo. Dessa forma, também nos propomos a trazer um trabalho em língua portuguesa para nos juntar aos poucos já feitos sobre esse incontornável autor.

A investigação, cujos resultados apresentamos neste artigo, teve a seguinte questão norteadora: qual o conceito e qual a definição do termo *desenho* utilizados por André Félibien em suas obras? Para responder, constituímos um *corpus* com algumas de suas principais obras e com dicionários da época, entendendo que eles nos ajudariam a compreender melhor sua relação com a intertextualidade do período em que viveu. Como se trata de uma pesquisa de história da arte voltada para os discursos teóricos e, em especial, para o termo “desenho”, buscamos aproximações com a linguística em seu ramo do discurso especializado: a terminologia.

Pressupostos teóricos

Visando analisar o percurso do conceito e definição do termo desenho em Félibien e em dicionários de língua francesa, nossa

abordagem buscou em duas disciplinas aportes que nos servirão de pressupostos: a história dos conceitos e a terminologia.

Tomamos a noção de conceito da chamada história dos conceitos a partir da abordagem de Reinhart Koselleck (1992), para quem um conceito é uma palavra de caráter polissêmico, cujo conteúdo é passível de reflexão e alvo de debates. O conceito tem uma historicidade, é um fato linguístico, mas extrapola o universo da linguagem ao reverberar nas ações de mulheres e homens na sociedade, e, dessa mesma sociedade, recebe impulsos de transformação. Um conceito é elaborado, se transforma e transforma o mundo, tem valor histórico porque “não é apenas fenômeno linguístico, é também indicativo de algo que se situa para além da língua, uma relação entre fato linguístico e realidade concreta” (Ferraz, 2011, p. 2).

A terminologia, em seu ramo conhecido como socioterminologia, nos dá, dentro dos estudos linguísticos, maneiras de abordar os conceitos e definições de termos presentes em linguagens especializadas. Inicialmente, a terminologia, criada em 1931 por Eugen Wüster, não se ocupava da diacronia. Só nos anos 1990 o interesse pelo aspecto histórico dos termos ganha espaço na disciplina. Bernt Møller (1998) propôs o que chamou de terminocronia, que seria um “estudo da evolução dos termos e das terminologias”, visando suprir um “déficit diacrônico” presente no campo de estudo das linguagens especializadas (p. 426).

É, porém, com os estudos de Rita Temmerman, em sua teoria sociocognitiva da terminologia, que os estudos diacrônicos são assimilados pelos terminólogos (Dury, Picton, 2009). Ao questionar a teoria geral da terminologia, de Wüster, por ela denominada teoria tradicional, Temmerman propõe uma abordagem que, em sua opinião, produziria uma teoria mais “realista” da terminologia. Entre os pontos levantados pela pesquisadora está a necessária observação da sinonímia e da polissemia dos termos, pois elas existem e devem ser descritas. Isso ia na contramão da teoria tradicional, que defendia um ideal de univocidade dos termos. Outro ponto de destaque é que os termos estão em permanente evolução, sendo a abordagem diacrônica um fator de

relevância para seu entendimento. Na teoria tradicional, os termos eram estudados apenas sob a perspectiva da sincronia (Temmerman, 2000).

Em relação à definição terminológica, podemos entendê-la como de importante valor histórico e científico:

Ao apreciarmos a mutabilidade de um conjunto de definições de termos científicos ao longo do tempo, perceberemos as diferentes trajetórias dos conhecimentos científicos. (...) pela definição é possível observar tanto a linguagem quanto o conhecimento especializado num processo de evolução e alteração, evidenciando a definição terminológica como elemento de sustentação tanto para as terminologias quanto para as linguagens especializadas em geral (Krieger, Finatto, 2004, p. 95).

Sendo um elemento-chave na produção e na comunicação do conhecimento especializado, a definição “expressa um segmento de relações de significação de uma dada área do saber”, é “um enunciado-texto que dá conta de significados de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência” e, vista em sua dinâmica diacrônica, apresenta a “variabilidade e a mutabilidade definitórias ao longo do tempo” e também ilustra seu papel no âmbito de especialidade (Finatto, 2003, p. 199). Podemos tomar a definição terminológica como a “materialização linguística do componente conceitual do termo, funcionando, simultaneamente, como articulação linguística e via de acesso desse componente” (Krieger, Finatto, 2004, p. 75).

Nossa pesquisa, portanto, parte do entendimento de que um conceito tem conteúdo cognitivo que se constituiu como componente de um termo, que é polissêmico e, em função disso, pode ser disputado, ressignificado, ganhando determinados valores em contextos de linguagem especializada ao longo do tempo. A definição, por sua vez, é uma espécie de cristalização desse conteúdo, em sentenças discursivas que representam não só o conceito específico do termo, mas uma maneira de dizer própria do léxico da área de conhecimento em que se insere. Com base nesses pressupostos pensamos o desenho a partir dos traços de construção conceitual e elaboração de sua definição por parte de Félibien, um nome importante para o campo das artes.

O conceito de desenho [*disegno*] durante o Renascimento

Conforme Jacqueline Lichtenstein (2019), quando Vasari estabelece que o desenho é uma elaboração intelectual e “pai” da arquitetura, escultura e pintura, está inserindo o desenho “no centro da reflexão sobre arte, tal como se desenvolveu a partir do Renascimento até o fim do que convencionou-se chamar [de] Idade Clássica” (p. 21).

A palavra francesa *dessein* é o equivalente que se desdobra da italiana *disegno* e herda desta última sua bagagem conceitual no domínio da arte. É termo polissêmico, mesmo em se tratando do léxico especializado do campo artístico:

O desenho pode, efetivamente, designar tanto uma parte da pintura (o desenho em oposição ao colorido), um aspecto da atividade pictural (como quando dizemos que tal figura pintada por Rafael é perfeitamente desenhada) quanto o fundamento mesmo dessa atividade, o que a constitui como atividade artística: é assim que a pintura é definida, por Vasari, como uma arte do desenho (Lichtenstein, 2019, p. 21).

Vasari entendia o desenho como, simultaneamente, uma elaboração mental do artista e sua expressão manual. Ele é “ao mesmo tempo, um ato puro do pensamento e seu resultado visível, no qual tem-se a participação do trabalho manual também” (Lichtenstein, 2019, p. 22). Como “ato puro do pensamento”, desenho era a invenção do artista e, como “trabalho manual”, era fruto de uma técnica adquirida via aprendizado: “o *disegno* material, esse que chamamos de desenho, é sempre, então, a realização de um *disegno* mental” (p. 22).

Federico Zuccaro, aponta Lichtenstein (2019, fará distinção entre o “*disegno* interno” e o “*disegno* externo”. O desenho interno é um conceito ou ideia elaborado por todo aquele que está em vias de agir ou conhecer. É algo que extrapola o campo artístico. Já o desenho externo é uma manifestação formal, delimitado por traços, figuras correspondentes a coisas imaginadas ou reais (p. 22). Essa reflexão sobre a natureza do desenho vai além de circunscrever o sentido do termo, pois acaba se refletindo na perspectiva do que seria a pintura e na própria importância social do pintor no período renascentista:

Ao definir a pintura como uma “*arte del disegno*”, os teóricos italianos (...) proclamam a natureza intelectual da atividade pictural que elevam, dessa forma, à nobreza e à dignidade de uma arte liberal. É justamente o *disegno* que faz da pintura “*una cosa mentale*” para retomar a expressão de Leonardo (Lichtenstein, 2019, p. 23).

A palavra *disegno* chega à língua francesa no equivalente *dessein*, termo com “extrema polissemia” (Lichtenstein, 2019, p. 20), levando aos francófonos “o conjunto de propriedades do *disegno* italiano” (p. 24). Veremos adiante com mais detalhes algumas de suas ocorrências em obras lexicográficas publicadas na França. Antes, veremos um pouco de André Félibien e do modo como ele elabora suas ideias a respeito do desenho.

Sobre o termo “desenho” em André Félibien

André Félibien nasceu em Chartres, em 1619, e morreu em Paris, em 1695. Membro da nobreza francesa, foi para a capital estudar aos 14 anos. Aos 28, foi enviado a Roma na condição de funcionário da embaixada francesa. Nesse período manteve contato com conhecedores da arte e trocou correspondência com sábios franceses. Após seu retorno, em 1663 tornou-se membro da Académie des inscriptions et belles-lettres, em 1666 foi nomeado historiógrafo do rei e, em 1671, secretário da Académie royale d'architecture (Hœfe, 1856).

Dentre suas obras, destacamos *Entretiens sur les vies et sur les ouvrages des plus excellents peintres anciens et modernes* e *Des principes de l'architecture, de la sculpture, de la peinture, et des autres arts qui en dépendent: avec un Dictionnaire des termes propres à chacun de ces arts*.

Na primeira obra de Félibien, *Origine de la peinture*, um diálogo de caráter histórico e teórico, o autor apresenta o desenho como parte constitutiva da pintura. Seu texto busca mais ampliar as reflexões sobre o conceito do que elaborar uma definição do termo. A formação daquele que desenhava foi sua principal preocupação. Para ele, o desenho

serve de princípio a todos aqueles que querem aprender essa arte [a da pintura]. Pois é desenhando que se lançam os primeiros fundamentos da ciência e sobre os quais todos os conhecimentos adquiridos devem se estabelecer; porque sem essa parte nenhuma das outras tem solidez³ (Félibien, 1660, p. 5).

Voltando o diálogo para os deveres de quem ensina, o autor trata da importância das viagens. O mestre, afirma Félibien (1660), deve incentivar os aprendizes a viajar, mas também a “observar bem os lugares pelos quais passam”. Era preciso lhes ensinar a percepção, em diferentes “províncias e reinos”, do que caracteriza “a natureza dos países e os costumes dos povos”. O mestre também deve, continua o autor, instruir seus alunos sobre a importância da matemática, “principalmente o conhecimento da geometria e da perspectiva que devem servir de regra a toda a sua obra”⁴ (p. 6).

Outro ponto relevante diz respeito à anatomia. O mestre deve fazer seu aluno perceber que “o pintor deve se tornar um sábio na parte da anatomia que trata do conhecimento dos músculos, dos nervos, dos ossos, dos ligamentos e da aparência de uns e de outros”⁵ (Félibien, 1660, p. 6-7).

O aluno deve manter a proporção “em todas as partes de sua obra” e “julgar a conveniência e a justa igualdade” entre elas; e também saber que depende dele “a posição nas quais as figuras serão colocadas”. Com “ponderação” e “equilíbrio”, o aprendiz pode conceber, o tanto que lhe for possível, “essa beleza e essa graça tão excelentes, esse não sei o quê que não se pode exprimir, que é no que consiste inteiramente o desenho”⁶ (Félibien, 1660, p. 7).

³ Nessa e nas demais citações em idiomas estrangeiros, a tradução é nossa. Cabe observar que na transcrição dos originais foi mantida a grafia em francês arcaico. No original: *sert de principe à tous ceux qui veulent appréndre cét Art. Car c'est en dessignant que l'on jette les premiers fondemens de la Science, & sur lesquels toutes les connoissances qui s'acquerent doivent s'establi; parce que sans cette partie toutes les autres n'ont point de solidité.*

⁴ No original: *faire bien remarquer les lieux où ils passent | des provinces & des Royaumes | la nature des país & les moeurs des peuples | principalement la conoissance de la Geometrie & de la Perspective qui doivent servir de regle à tout son ouvrage.*

⁵ No original: *le Peintre doit se rendre sçavant dans cette partie de l'Anatomie qui regarde la cōnoissance des muscles, des nerfs, des os, des ligamens, & des apparences des uns & des autres.*

⁶ No original: *dans toutes les parties de son ouvrage | juger de leur convenance, & et de la juste égalité | la position des Figures pour estres mises | ponderation | équilibre | cette*

Em 1672, no livro *Entretiens sur les vies et sur les ouvrages des plus excellents peintres anciens et modernes* (mais uma obra em forma de diálogo), ao tratar de Michelangelo, o autor apresenta uma primeira definição de desenho. Não sem antes expor os sentidos compartilhados “entre os pintores, pois eles chamam de desenho o rascunho de um quadro ou o projeto de alguma obra representada no papel somente com lápis ou pena”. Também havia o sentido de “o pensamento ou a vontade que se tem de fazer alguma coisa”; então, antes de pintar uma obra, “um pintor diz que a formou em desenho na sua mente”. Félibien, porém, afirma que, em seu uso mais ordinário, desenho [*dessein*] “é propriamente os traços com os quais o pintor representa as coisas que ele deve imitar, independentemente do colorido, do claro e do escuro; e esse conjunto de linhas diversamente contornadas, por meio do qual se formam as figuras”⁷ (p. 298).

Já em obra de 1676, Félibien tem a finalidade de divulgar conceitos e definições de termos do campo das artes: *Des principes de l'architecture, de la sculpture, de la peinture, et des autres arts qui en dépendent : avec un Dictionnaire des termes propres à chacun de ces arts*. Nela, o autor retoma suas reflexões anteriores. Ao tratar da pintura, Félibien (1676, p. 393) constrói uma espécie de síntese do conceito de desenho elaborado em suas obras:

O Desenho tem por objeto a figura dos corpos que são representados e os mostra simplesmente com linhas. Essa parte importa aos pintores, escultores, arquitetos, gravuristas e, geralmente, a todos os artesãos cujas obras precisam de graça e de simetria. Ela demanda conhecimentos de anatomia, que é a ciência dos ossos, músculos e nervos, e como eles são percebidos externamente no corpo humano. É ela ainda que deve colocar as figuras em um centro de equilíbrio, seja por seu próprio peso ou por outra coisa que lhe seja accidental, para que pareçam

Beauté & cette Grace si excellentes, ce le ne sçay quoy qui ne se peut exprimer, & qui consiste entièrement & qui consiste entièrement dans le Dessen.

⁷ No original: *parmi les Peintres; cars ils appellent dessein, l'esquisse d'un Tableau, ou le projet de quelque Ouvrage, représenté seulement sur du papier avec le crayon, ou à la plume | la pensée, ou la volonté qu'on a de faire quelque chose | un peintre dit qu'il en a formé le dessein dans son esprit | est proprement les traits avec lesquels le Peintre represente les choses qu'il doit imiter, indépendamment du coloris, des jours & des ombres, & cét assemblage de lignes diversement contournées, par le moyen desquelles on forme figures.*

firmes em todas as ações em que se as queira representar para bem imitar os diversos movimentos que a natureza pode fazer.⁸

Mesmo não desenvolvendo o aspecto de “ato puro do pensamento” do desenho de Vasari ou de “desenho interno” de Zuccaro, Félibien, ao eleger em seu conceito a dimensão manual do primeiro e o “desenho externo” do segundo, ainda assim argumenta a importância de uma sólida formação de quem desenha, um elemento valorizado por Vasari em sua perspectiva acerca do tema.

Félibien (1676, p. 396) elabora um verbete específico sobre o desenho em seu *Dictionnaire des termes*, oferecendo a seguinte definição: “é uma expressão aparente, ou uma imagem visível dos pensamentos do espírito e do que se formou primeiramente na imaginação”.⁹ Apesar de apresentar a dimensão interna do artista no processo, o que se valoriza na definição é a “expressão aparente”. Ela é o que se chama de desenho [*dessein*].

A palavra desenho nos dicionários

O primeiro grande dicionário monolíngue contendo o verbete desenho [*dessein*] foi o *Dictionnaire françois*, de Pierre Richelet (1680). São três acepções apresentadas: “Vontade, desejo de fazer, ou de dizer”; “Plano, projeto”; “Termo de pintura”.¹⁰ Esta última, a que diz respeito à arte, é a que nos importa: “O *desenho* entre os pintores se toma pelas justas medidas, pelas proporções e formas exteriores que devem ter os objetos

⁸ No original: *Le Dessein a pour objet la figure des corps que l'on represente, & que l'on fait voir tels qu'ils paroissent simplement avec des lignes. Cette Partie regarde les Peintres, les Sculpteurs, les Architectes, les Graveurs, & generalement tous les Artisans dont les Ouvrages ont besoin de grace, & de simmetrie. Elle demande la conoissance de l'Anatomie qui est la science des os, des muscles, & des nerfs, comme ils paroissent exterieurement dans le corps humain. C'est elle encore qui doit poser les Figures sur un centre & equilibre, soit par leur propre poids, ou par un autre qui leur soit accidentel, pour paroistre fermes dans toutes les actions qu'on veut representer pour bien imiter les divers mouvements que la nature peut faire.*

⁹ No original: *est une expression apparente, ou une Image visible des pensées de l'Esprit, & de ce qu'on s'est premierement formé dans l'imagination.*

¹⁰ No original: *Volonté, desir de faire, ou de dire | Plan, projet | Terme de Peinture.*

que são imitados da natureza; então a palavra *desenho* é tomada por uma parte da pintura”¹¹ (p. 236).

Richelet (1680, p. 236) faz menção a uma transformação interessante no uso da palavra: “Alguns modernos escrevem a palavra *dessein* como um termo de pintura sem e após as duas letras s, mas não devem ser imitados nisso”.¹²

Outra importante obra lexicográfica, o *Dictionnaire universel*, de Antoine Furetière (1690), traz cinco acepções: projeto; pensamento sobre a ordem de um poema, de um livro, ou uma obra de arte; termo de pintura; figura de uma grande obra traçada grosseiramente em tamanho menor; intenção velada.

Ao tratar da acepção que diz respeito à arte, o autor registra: “desenho, se diz em pintura, dessas imagens ou quadros sem cor e que são executados algumas vezes em tamanho grande”¹³ (Furetière, 1690, s.p.).

A primeira edição do *Dictionnaire de l'Académie Française* (1694) traz a polissemia herdada do *disegno*. *Dessain* era “Resolução de fazer alguma coisa, intenção, projeto, pretensão” e também significava “o primeiro rascunho a lápis que representa todo o quadro”; também o “ordenamento de todo o quadro” e, por fim, “a simples delineação dos corpos que se reveste de cores”¹⁴ (p. 322).

Apesar da resistência dos lexicógrafos (como Pierre Richelet, conforme visto), os membros da Academia Francesa irão, em 1798, lematizar a nova grafia de desenho (*dessin*) rompendo com a polissemia expressa na construção teórica renascentista acerca do *disegno*. Se essa palavra guardava as noções de intenção mental do artista e traço manual

¹¹ No original: *Le dessein parmi les peintres se prend pour les justes mesures, les proportions, & les formes extérieures que doivent avoir les objets qui sont imités d'après nature; & alors le mot de dessein est pris pour une partie de la peinture.*

¹² No original: *Quelques modernes écrivent le mot de dessein étant terme de peinture sans e après les deux s mais on ne les doit pas imiter en cela.*

¹³ No original: *Dessein, se dit aussi en Peinture, de ces images ou tableaux qui font sans couleur, & quelquefois en grand.*

¹⁴ No original: *Resolution de faire quelque chose, intention, projet, pretention | premier crayon qui represente tout le tableau | la simple delineaation des corps que l'on revest de couleurs.*

como sua expressão, a palavra *dessein* levou esses sentidos até 1798. *Dessein* passa a significar “Intenção de fazer alguma coisa, projeto, resolução”¹⁵ (Dictionnaire..., 1798, p. 409), enquanto *dessin* é considerado um “termo de arte”, significando “a representação de uma ou mais figuras, de uma paisagem (...) etc. Seja a lápis, seja a pena”¹⁶ (p. 410).

Podemos observar que esses relevantes produtos da lexicografia francesa, produzidos na época de Félibien, se aproximam das concepções apresentadas em suas obras; não, porém, a ponto de transparecer que receberam influência direta do historiógrafo real. Em certa medida, no entanto, Félibien parece ter iniciado um movimento para que se constituíssem na palavra desenho uma monorreferencialidade e uma univocidade (desejo que parece comum àqueles que elaboram uma lista terminológica), visto que pretendia organizar o léxico do campo das belas artes de então. Essa pretensão pode ter ecoado na ação dos acadêmicos ao distribuir os dois sentidos oriundos do *disegno* italiano em duas palavras, em dois significantes (*dessein* e *dessin*).

No ano em que a Academia lançou a primeira edição de seu dicionário, Thomas Corneille publica seu *Le Dictionnaire des arts et des sciences*, com propósito terminológico, isto é, apresentar definições de palavras de áreas especializadas. A definição de desenho é exatamente a frase que abre o que entendemos como síntese conceitual feita por Félibien em 1676, e apresentada na seção anterior: “Parte da pintura que tem por objeto a figura dos corpos que são representados e os mostra simplesmente com linhas”¹⁷ (Corneille, 1694, p. 314).

Percebemos, então, que na intertextualidade em que Félibien estava inserido, suas elaborações conceituais e definitórias não eram ainda compartilhadas pelos produtores de dicionário de língua, mas já integravam o vocabulário de leitores especializados. O pensamento sobre desenho de Félibien já ganhava peso terminológico, ou seja, indivíduos

¹⁵ No original: *Intention de faire quelque chose, projet, résolution.*

¹⁶ No original: *la représentation d'une ou de plusieurs figures, d'un paysage (...), etc. Soit au crayon, soit à la plume.*

¹⁷ No original: *Part de la Peinture, qui a pour objet la figure des corps que l'on represent, & que l'on fait voir tels qu'ils paroissent simplement avec des lignes.*

que tivessem alguma relação mais próxima com a área artística conheciam não só as acepções comuns da palavra desenho, mas também os sentidos próprios atribuídos pela área. E nesses sentidos próprios estavam as reflexões de Félibien.

No século seguinte, a definição terminológica de desenho que Félibien apresenta em seu dicionário de 1676 passa a ser compartilhada em edições posteriores de dois dos dicionários aqui apresentados. A definição “é uma expressão aparente ou uma imagem visível dos pensamentos do espírito e do que se formou primeiramente na imaginação” aparece em edições posteriores do *Dictionnaire universel* de Basnage de Beauval, Brutel de la Rivière e Furetière (1725, s.p.) e do *Dictionnaire* de Pierre Richelet (1728, p. 699).

Considerações finais

A partir do presente artigo podemos mapear os caminhos do conteúdo de sentido do termo “desenho” em Félibien. Além de identificar suas reflexões sobre o termo, iniciadas em 1660 e que constituíram seu conceito, verificamos que, mais tarde, em 1676, suas reflexões são sintetizadas, e uma definição é elaborada e inserida em seu dicionário de termos de arte. O campo artístico toma sua síntese em obra terminológica de Thomas Corneille em 1694, e, apesar de inicialmente não se apropriarem da definição construída por Félibien, dois grandes dicionários (Furetière e Richelet) a incorporam ao verbete desenho.

Nesse sentido, percebemos que a definição de desenho criada por Félibien e voltada para o campo artístico, ou seja, uma elaboração sintética de um conceito de valor para a arte e inserida em uma obra lexicográfica da área, ultrapassou as barreiras da linguagem especializada e passou a fazer parte dos dicionários de língua geral. A intertextualidade na qual se insere Félibien é marcada pelo trânsito terminológico que amplia o público leitor da reflexão artística especializada. O termo desenho foi um dos que ganhou novo espaço. Mapear o percurso de

outros termos do campo artístico, bem como suas relações com meios não especializados, será a continuidade de nossa pesquisa.

Referências

- BASNAGE DE BEAUVAL, Henri; BRUTEL DE LA RIVIERE, Jean-Baptiste; FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel*. T. 2. La Haye: P. Husson, 1725.
- CORNEILLE, Thomas. *Le Dictionnaire des arts et des sciences*. Paris: Coignard, 1694.
- DICTIONNAIRE DE L'ACADEMIE FRANÇAISE. 5 ed. Paris: Coignard, 1798.
- DICTIONNAIRE DE L'ACADEMIE FRANÇAISE. Paris: Coignard, 1694.
- DURY, Pascaline; PICTON, Aurélie. Terminologie et diachronie: vers une réconciliation théorique et méthodologique? *Revue française de linguistique appliquée*, v. XIV, p. 31-41, 2009.
- FÉLIBIEN, André. *De L'origine de la peinture et des plus excellents peintres de L'Antiquité*. Paris: Pierre le Petit, 1660.
- FÉLIBIEN, André. *Entretiens sur les vies et sur les ouvrages des plus excellents peintres anciens et modernes*. Paris: Pierre le Petit, 1672.
- FÉLIBIEN, André. *Des principes de l'architecture, de la sculpture, de la peinture, et des autres arts qui en dépendent: avec un Dictionnaire des termes propres à chacun de ces arts*. Paris: Coignard, 1676.
- FERRAZ, Paula Ribeiro. A história dos conceitos e sua relação com a história política. In: Simpósio Nacional de História da Anpuh, 26, *Anais...* São Paulo, julho 2011.
- FINATTO, Maria José Bocorny. A definição de termos técnico-científicos no âmbito dos estudos de terminologia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 197-222, jan.- jun. 2003.
- FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel*. T. 1. La Haye: Leers, 1690.
- HÆFE, Jean-Christien-Ferdinand. *Nouvelle biographie universelle*. T. 17. Paris: Didot, 1856.

KOSELLECK, Reinhardt. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Trad. Manoel Luis Salgado Guimarães. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.134-146, 1992.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LICHTENSTEIN, Jacqueline. Do disegno ao desenho. *Nava*, v. 7, n. 1-2, 2019, p.19-27.

MØLLER, B. À la recherche d'une terminochronie. *Meta*, v. 43, n. 3, p. 426-438, 1998.

RICHELET, Pierre. *Dictionnaire de la langue française, ancienne et moderne*. T. 1. Lyon: Bruyset, 1728.

RICHELET, Pierre. *Dictionnaire françois contenant les mots et les choses*. T. 1. Genève: Jean Herman Widerhold, 1680.

TEMMERMAN, Rita. Teoria sociocognitiva da terminologia. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 17, p. 31-50, 2000.

Recebido em: 31 de outubro de 2023

Aceito em: 5 de janeiro de 2024